

Virtudes e vícios dos cavaleiros n' A Demanda do Santo Graal¹

ADRIANA MARIA DE SOUZA ZIERER²
Universidade Estadual do Maranhão
Brasil

O centro da obra é a busca do cálice sagrado, o Santo Graal, pelos cavaleiros de Artur. Percebe-se na narrativa uma intensa luta travada entre as forças de Deus e as do Diabo, composta que foi num momento de profanação e cristianização da Matéria da Bretanha no século XIII.

A trama da *Demanda* é a seguinte: com os cavaleiros reunidos em volta da Távola Redonda aparece o Santo Vaso, recipiente contendo o sangue de Cristo derramado na cruz, o qual alimenta a todos de forma material e espiritual. Porém, após esta aparição, o Graal retira-se da corte devido aos pecados do rei e da maior parte dos seus cavaleiros, e só poderá ser encontrado pelo cavaleiro perfeito, Galaaz.

Após a chegada de Galaaz na corte, a demanda é iniciada. O cavaleiro que prega a todos para partirem é Galvam (Galvão); no entanto, logo no princípio ficamos sabendo que ele trará mortes e desgraças durante a busca. Assim, a luta entre Deus e as forças maléficas pode ser expressa nas ações dos dois cavaleiros: um, Galaaz, o “cavaleiro eleito” para encontrar o Santo Graal; outro, Galvam, nomeado no texto como o “cavaleiro do diabo”.

Outra oposição significativa é entre o modelo do cavaleiro cortês representado por Lancelot do Lago, fiel ao seu amor proibido pela rainha Genevra, e o modelo do cavaleiro cristão representado por Galaaz, cujo cerne é ser um cristão perfeito.

Todos os outros cavaleiros são inferiores à pureza do eleito, mesmo seus dois companheiros principais, Persival e Boorz. Galaaz está mais ligado ao espiritual que ao temporal e tem uma forte relação com a conduta dos *oratores*. Suas ações são muito difíceis de serem aplicadas na vida cotidiana, o que não impediu que se tornassem modelo de conduta para os medievos.

Especialmente em Portugal, sabemos que esse cavaleiro influenciou personagens históricos como Nuno Álvares Pereira, comandante militar de D. João I em fins do século XIV. Isto pode ser visto na *Crónica do Condestabre*, dedicada aos feitos deste nobre, que afirmava admirar a virgindade de Galaaz³. Outro personagem que teve grande interesse pelo herói da *Demanda* foi D. Sebastião: com o propósito

¹ Este artigo faz parte das reflexões sobre o papel do cavaleiro em *A Demanda do Santo Graal* e dialoga com algumas ideias em dois artigos que publiquei sobre o tema: “O Modelo de Cavaleiro n' *A Demanda do Santo Graal*”, In: Terezinha Oliveira (org.), *Antiguidade e Medievo. Olhares Filosóficos da Educação*, Maringá, Eduem, 2008, e “O Cavaleiro Cristão n' *A Demanda do Santo Graal* e n' *O Livro da Ordem de Cavalaria*”, In: Terezinha Oliveira (org.), *Educação, História e Filosofia no Ocidente: Antiguidade e Medievo*, Itajaí, Univale Ed., 2009.

² Docente de História Medieval do Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

³ *CRÓNICA do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira* por Autor Anônimo do Século XV, (adaptação de Jaime Cortesão), Lisboa, Sá da Costa, 1972, pp. 20-21. A admiração de D. Nuno por Galaaz também é mencionada em Fernão

de converter os muçulmanos no Marrocos, morreu virgem e sem herdeiros na batalha de Alcácer Quibir, no século XVI. Ambos, tanto D. Nuno quanto D. Sebastião, admiravam a conduta guerreira, o apreço ao cristianismo e o apego à virgindade do cavaleiro eleito, o que mostra a circulação do texto na sociedade ocidental.

A *Demanda*, ainda, insere-se num contexto de desejo de controle sobre a agressividade da nobreza. Para Georges Duby, a partir do século XII a noção de cavalaria se funde com a de nobreza⁴, e Flori considera que este processo só se encerra no final desse mesmo período, momento em que a nobreza procurou fechar o acesso à cavalaria dos não-nobres⁵. Porém, é importante destacar que durante o mesmo século XII se delineou toda uma literatura exaltando os cavaleiros e buscando separar seus costumes de outros setores da sociedade. Há, desde então, uma necessidade de “civilizar” a nobreza através do ideal da cortesia. São criadas nessa época as obras de Chrétien de Troyes, nas quais o centro da narrativa são as ações dos cavaleiros que deveriam ser educados, honrados, protetores dos fracos, valentes, fiéis às damas amadas, bons, leais e vitoriosos.

Um elemento interessante a ser analisado no período medieval é a relação entre a Igreja e a atividade guerreira. Inicialmente, o cristianismo mostrou-se completamente avesso à violência, pois Cristo pregava a necessidade de oferecer a “outra face” quando agredido por alguém. Daí a construção de uma ideologia que controlasse o uso da força com moderação, a serviço de Deus e dos *pauperes* (pobres, humildes ou fracos)⁶.

Santo Agostinho definiu como o cristão deveria engajar-se na guerra, com objetivos de lutar contra a injustiça e impedir a violência contra os fracos, o que fazia dela um “mal menor”. A “guerra justa” (*belum justum*) teria três elementos: 1-ser defensiva e reparar uma injustiça; 2-ser declarada por autoridade reconhecida; 3-restaurar a paz pela justiça⁷.

Por estar próxima do pecado, em virtude do derramamento de sangue, a ação guerreira estava interdita aos clérigos. Esta noção ficou ainda mais aguçada após a Reforma Gregoriana no século XI, que buscou separar radicalmente clérigos e leigos. Para evitar que os primeiros se submetessem aos últimos, os religiosos deveriam ser puros, afastados do esperma (sexualidade) e do sangue (a guerra). Quanto aos demais leigos participantes das atividades bélicas, deveriam expiar seus pecados, o que fazia com que muitos entrassem para mosteiros no fim da vida, se convertessem à beira da morte ou fizessem penitências⁸.

Com o arrefecimento das invasões guerreiras no século X e a suavização do clima no Ocidente, propiciando aumento das colheitas, o maior entrave ao desenvolvimento passou a ser as guerras privadas. Daí toda uma legislação no sentido de buscar controlar esses conflitos que acabavam prejudicando a própria Igreja, detentora de uma série de bens e sujeita aos ataques dos nobres sem terras.

Por este motivo, desde o final do século X, a Igreja buscou cristianizar o cavaleiro através dos movimentos da *Pax Dei* (Paz de Deus), com a proibição de atacar santuários, officios, estradas e também pessoas consideradas *pobres*, isto é, indefesas – clérigos, camponeses, viúvas e órfãos, sob pena de excomunhão.

Lopes, *Crônica de D. João I*, Lisboa, Livraria Civilização, 1990, v. I, p. 69. Cf. também Heitor Megale, *A Demanda do Santo Graal. Das Origens ao Códice Português*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2001, p. 82.

⁴ Georges Duby, “Chevalerie”, In: *Dictionnaire du Moyen Âge. Histoire et Société*, Paris, Encyclopaedia Universalis/Albin Michel, 1997.

⁵ Jean Flori, *A Cavalaria*, São Paulo, Madras, 2005, p. 133.

⁶ Franco Cardini, “Guerra e Cruzada”, In: Jacques Le Goff & Jean-Claude Schmitt, *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, São Paulo, Imprensa Oficial/EDUSC, 2002, vol. 1, p. 473.

⁷ *Idem*, p. 475.

⁸ J. Flori, *op. cit.*, p. 133.

No século seguinte, também foi criada a *Tregua Dei* (Trégua de Deus), proibindo combates em certos dias da semana (de quinta a domingo) e em dias santos⁹. Segundo Flori, essa “trégua” foi um importante passo na elaboração eclesiástica da “guerra justa”, inspirada em Santo Agostinho e voltada para as Cruzadas, pois prescrita por uma autoridade legítima, o Papa, com o objetivo de proteção da Igreja e da Cristandade.

O ideal das Cruzadas tornou o cavaleiro um *miles christi* (cavaleiro de Cristo), que lutaria contra os muçulmanos em nome da fé cristã e por isso teria seus pecados perdoados em caso de morte. De acordo com São Bernardo no século XII, a luta contra os muçulmanos deixa de ser um *homicidium* (morte de um homem) e se tornava um *malicidium* (eliminação de um mal)¹⁰. Assim, a Cruzada tornou-se tanto uma guerra justa, na esteira de Santo Agostinho, como uma guerra santa, no pensamento de São Bernardo.

A nobreza no século XIII representava uma ameaça para a ordem na sociedade Ocidental. Devido à concentração das heranças nas mãos dos primogênitos, boa parte deles não possuía terras, tendendo ao banditismo e às guerras privadas. Havia a necessidade de refrear o que Elias chama de “brutalidade” desse grupo, que adotava atitudes cruéis para com os inimigos, buscando tomar suas terras e, para dar prejuízo ao oponente, matar os seus dependentes, uma vez que “o prazer de matar e torturar era grande e socialmente permitido”¹¹. Essas atitudes ameaçavam a sobrevivência da própria estrutura da sociedade, uma vez que nobres atacavam outros nobres, motivo por que o monarca, ao longo da Idade Média Central e principalmente da Baixa Idade Média, conseguiu apoio do clero no seu processo de fortalecimento, adotando medidas de controle sobre esse grupo.

A partir dos séculos XI e XII, criou-se a idéia de “cortesia”, resultando em um estilo de vida na corte. Influenciado pelo culto mariano, ampliou-se a idéia de “amor cortês”, isto é, o de um jovem cavaleiro por uma dama de posição social superior à sua, a quem ele devia vassalagem amorosa.

I. A PERFEIÇÃO DE GALAAZ SUPERA A DE TODOS OS CAVALEIROS

No romance cortês, é a dama que leva o cavaleiro a realizar uma série de ações visando a ultrapassar seus próprios limites. Ele age somente por e para ela. Esse tipo de amor torna-se sinônimo de riqueza interior e de progresso moral, fonte de inspiração poética¹². O cavaleiro fica em situação de “marionete” da dama, prestando-se a uma alegria erótica e perversa, muitas vezes através de uma espécie de adultério platônico¹³, o que não é o caso do poema *Le Chevalier de la Charrette* (c. 1170), de Chrétien de Troyes, onde o amor carnal e adúltero é realizado.

A diferença básica entre o cavaleiro cortês e o cristão é que o primeiro deve provar seu valor através de uma série de aventuras capazes de enobrecê-lo. A aventura dá sentido à ação do cavaleiro. Ele deve testar continuamente sua valentia e força, por merecer o amor de determinada dama. Lancelot do Lago é quem melhor expressa esse modelo de cavaleiro cortês. No *Cavaleiro da Carreta*, fará qualquer ato para provar seu amor a Guinevere, inclusive sendo joguete dos caprichos da dama que, ao reconhecê-lo num torneio, coloca-o à prova pedindo que perca os combates para, em seguida, pedir-lhe que os ganhe. Já o modelo do cavaleiro cristão proposto na *Demanda do Santo Graal*, através de Galaaz, realiza façanhas voltadas para um propósito não mais carnal e sim espiritual.

⁹ Franco Cardini, “O Guerreiro e o Cavaleiro”, In: Jacques Le Goff, *O Homem Medieval*, Lisboa, Presença, 1989, pp. 58-59.

¹⁰ Franco Cardini, *op. cit.*, p. 476.

¹¹ Norbert Elias, *O Processo Civilizador*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994, vol. I, p. 192.

¹² Hervé Martin, *Mentalités médiévales XI-XV siècle*, p. 329.

¹³ *Idem*, pp. 330-331.

Para citar um exemplo concreto da agressividade dos secundogênitos, representados por cavaleiros dos romances de Chrétien e controlados por textos como *A Demanda*, em meados do século XIII, quando este manuscrito chegou a Portugal, os nobres sem terra atacavam as propriedades dos outros e da Igreja. Isso acabou gerando a deposição do rei Sancho II (1245) pelo Papa, que preferiu nomear o irmão de Sancho, Afonso, o Bolonhês (depois Afonso III) como regedor, gerando uma guerra civil no reino¹⁴. O próprio D. Afonso trouxe um exemplar de *A Demanda do Santo Graal* da França, que mandou traduzir por frei Vivas ou Bivas¹⁵, contribuindo para a circulação da uma imagem cristã da cavalaria. No seu governo, a nobreza turbulenta foi apaziguada e o modelo do cavaleiro cristão contribuiu para esse intuito.

Na *Demanda*, fica muito clara a divisão entre os cavaleiros eleitos e os pecadores que não conseguirão ver outra vez o Santo Graal. Desde o princípio é afirmado categoricamente que os cavaleiros não poderiam levar consigo damas na viagem ou não conseguiriam encontrar o Santo Vaso. Porém, dos 150 cavaleiros da Távola Redonda apenas os três eleitos principais e mais nove, num total de doze, poderão ver de novo o Graal. O número doze está associado aos doze apóstolos de Cristo na Última Ceia. Na *Demanda*, há uma relação entre as três mesas: a da Última Ceia, a da Távola Redonda e a mesa do Graal. Os outros 138 cavaleiros, em virtude das suas faltas, fracassam. É importante destacar que o pecado mais enfatizado é o da luxúria.

Sobre a questão da sexualidade em oposição à pureza, observemos com mais detalhes a figura de Galaaz. Seu nome significa “escolhido”, o “puro dos puros”, o próprio Messias. Simboliza um mundo novo ou um Cristo sempre vivo, em peregrinação mística pelo mundo¹⁶. É um cavaleiro virgem e puro, que usa uma estamemha (túnica de lã com farpas) para reforçar a sua condição de penitente e que perpassa toda a *Demanda* rezando, jejuando e se confessando com os eremitas que encontra pelo caminho. (Na narrativa, os eremitas são aqueles capazes de interpretar os sonhos dos cavaleiros e fazer previsões¹⁷.)

No entanto, apesar da sua condição de eleito, confirmada através das diversas aventuras, Galaaz não é descendente legítimo. Ele é filho bastardo de Lancelot e da filha do rei Peles, portanto foi gerado por meio do pecado. Nada é dito na *Demanda* sobre a sua concepção, mas em outras narrativas arturianas sabemos que sua mãe realizou um sortilégio, fazendo com que Lancelot a confundisse com Guinevere (Genevra). Nada mais paradoxal do que um fruto do pecado ser eleito para encontrar o Santo Graal, mas tal ocorreu, segundo a própria narrativa, pelo desejo de Deus de demonstrar seu poder¹⁸.

O filósofo catalão Ramon Llull também elaborou, no século XIII, um manual de comportamento cavaleiresco, *O Livro da Ordem de Cavalaria*¹⁹, em consonância com o modelo do cavaleiro cristão proposto na *Demanda*. Llull aponta que a principal função do cavaleiro é amar e servir a Deus. Enfatiza a necessidade de os cavaleiros se fiarem nas virtudes teológicas e cardeais e evitarem os vícios, representados nos sete pecados capitais (ira, gula, preguiça, orgulho, inveja, avareza e luxúria).

Llull afirma em seu manual pedagógico que o cavaleiro deveria proceder de linhagem, além de necessitar de recursos para comprar a armadura e demais apetrechos, incluindo o cavalo. Tanto “linhagem” quanto “recursos” tornavam, por si só, difícil aos não-nobres – burgueses e membros do campesinato – a investidura na cavalaria, acentuando o desejo da nobreza de afirmar seus privilégios.

¹⁴ Adriana Zierer, “Artur nas Fontes Ibéricas Medievais (II): *Libro de las Generaciones e Nobiliário do Conde D. Pedro*”, *Brathair*, vol. 4, n. 2, 2004, pp. 144-145, disponível em: www.brathair.com, acesso em 20/01/2011.

¹⁵ Ivo Castro, “Sobre a Data da Introdução na Península Ibérica do Ciclo Arturiano da Post – Vulgata.”, In: *Boletim de Filologia*. Lisboa, nº 28, 1983, p. 82 e p. 91.

¹⁶ Massaud Moisés, *A Literatura Portuguesa*, Rio de Janeiro, Cultrix, 1975, p. 31.

¹⁷ Tzvetan Todorov, *As Estruturas Narrativas*, São Paulo, Perspectiva, 1976, p. 270.

¹⁸ *A DEMANDA do Santo Graal*, (ed. de Augusto Magne), Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, vol. I, 1955, p. 7.

¹⁹ Ramon Llull, *O Livro da Ordem de Cavalaria (1279-1283)*, trad. de Ricardo da Costa, São Paulo, Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2000. A partir da próxima referência a esta obra, utilizaremos a sigla LOC.

Segundo o filósofo, os pecados deveriam ser combatidos pelos bons cavaleiros através da leitura do *Livro da Ordem de Cavalaria*, da frequência às missas, da leitura da *Bíblia* e das orações. Isto mostra que o ideal do bom cavaleiro, fosse ele cortês ou cristão, estava longe de ser colocado em prática. Tal como na *Demanda*, o principal pecado apontado pelo filósofo é o da luxúria:

[...] na Cavalaria deveria ser evitado mais fortemente do que o é o vício da luxúria; e se fosse punido o vício da luxúria como deveria, de nenhuma Ordem seriam expulsos tantos homens como da Ordem de Cavalaria²⁰ (grifo nosso).

Este seria o primeiro entre todos os vícios humanos, dele decorrendo os outros pecados. A sexualidade fora do casamento era uma espécie de “porta de entrada” para as demais faltas.

Galaaz possui em si uma beleza interna e externa como reflexo da bondade de seu caráter e de sua alma. Devido a isso, é o melhor cavaleiro da corte arturiana. Vence praticamente sozinho o maior inimigo de Artur, o rei Mars, marido de Isolda, que tenta envenená-lo, mas a intervenção divina não permite que o veneno faça efeito.

Sublinha sua superioridade o fato de ele ser o único que se senta no assento perigoso na Távola Redonda, destinado ao eleito (outros que tentassem a aventura morreriam), que retira a espada do padrão e que recebe o escudo branco com a cruz vermelha, feita com o sangue das narinas de Josefes, filho de José de Arimatéia. Esse escudo lembra o símbolo dos cruzados e das Ordens Militares, como os Templários. Galaaz recebe ainda uma segunda espada, a da “estranha cinta”, cuja bainha foi tecida com os cabelos da donzela do Graal. Todos esses objetos e ações indicam sua condição de “escolhido”.

Outros episódios ainda confirmam seu caráter especial: ele consegue expulsar o demônio²¹, curar uma leprosa que veste a sua estamena²² e fazer um paralítico andar²³, práticas em analogia com os feitos de Jesus.

É Galaaz quem possui as mais altas revelações da *Demanda*, vendo coisas que os olhos corporais não deveriam ver, após o que ele e o Santo Graal são arrebatados ao Céu pelos anjos. Ao mesmo tempo, o reino arturiano entra em declínio, com a morte dos cavaleiros e a invasão pelo rei Mars, marido de Isolda, que destrói a Távola Redonda.

Mesmo Galaaz, o mais perfeito de todos os cavaleiros, tem suas atitudes testadas na aventura da donzela que insiste em se deitar com ele em casa do rei Brutus. Quando o faz, descobre que ele usava a túnica com farpas. Segundo Moisés, “a vestimenta funciona como uma segunda pele, a um só tempo como defesa ante as tentações da carne e como sinal de uma inquebrantável missão[...]”²⁴.

O cavaleiro, ao acordar e se deparar com a jovem, recusa o seu amor sem hesitação:

– Ai donzela! Quem vos mandou acá? Certas, maau conselho vos deu; e eu cuidava que de doutra natureza érades vós; e rogo-vos por cortesia e por honra de vós, que vos vaades daqui, ca, certas, o vosso fol pensar não catarei eu, se Deus quiser, ca **mais devo dultar perigoo de minha alma**, ca fazer vossa vontade.²⁵ (grifo nosso)

²⁰ LOC, p. 47.

²¹ *DEMANDA do Santo Graal*, ed. de Irene Freire Nunes, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1995, p. 301. A partir da próxima nota, esta obra será referida pela sigla DSG.

²² *Idem*, p. 307.

²³ *DEMANDA do Santo Graal* (DSG), ed. de Augusto Magne, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, vol. II, 1970, pp. 490-491. A partir da próxima referência a DSG, o algarismo romano indicará a edição de Magne.

²⁴ Massaud Moisés, “Sedução e Cortesia: o Graal como Prêmio”, In: *Signum* – Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais, vol. 10, 2008, pp. 73-93.

²⁵ DSG, I, p. 149.

A donzela ameaça matar-se com a espada dele. Nesse momento, Galaaz diz o seguinte: “– Ai boã donzela! Sofre-te ù pouco e nom te mates assi, ca eu farei todo teu prazer”²⁶

Eis um trecho que nos leva à reflexão. Nesse momento, teria o cavaleiro caído em tentação? Ou teria mentido à donzela para tomar a espada que lhe causaria a morte? Ou, por fim, teria ele colocado a salvação de sua alma e sua condição de eleito em risco para evitar a morte da jovem? A passagem, tão surpreendente aos leitores, indica, a nosso ver, não um desvio dos propósitos puros de Galaaz, mas sua posição de auto-sacrifício para evitar a morte da donzela. Afinal, desde o princípio da narrativa, um eremita nomeia Galaaz como “cousa santa e honrada”. Vale destacar que, pelo fato de ser o eleito, Deus não lhe permite que peque para salvar a vida da moça. Ela efetivamente se mata com a espada, o que faz com que o rei e seus cavaleiros entrem em combate com Boorz, que tenta defender Galaaz.

A conduta de Galaaz é totalmente diferente do seu contra-modelo e pai, Lancelot. Enquanto o primeiro não se desvia de seus propósitos de manter-se casto e encontrar o Santo Vaso, Lancelot, apesar de sonhos premonitórios e de admoestações de ermitãos, não consegue renunciar ao seu amor por Guinevere (Genevra), conforme veremos.

2. CAVALEIROS ELEITOS: SUPERIORIDADE DE GALAAZ EM RELAÇÃO A PERSIVAL E BOORZ

Um dos principais cavaleiros na *Demanda* é Persival. Ele aparece pela primeira vez como o cavaleiro passível de descobrir os segredos do Graal em *O Conto do Graal* (c. 1181-1185), de Chrétien de Troyes²⁷. Este objeto é apresentado então como um prato, já com sentido curativo, com a função de devolver saúde ao tio de Perceval, o rei Pescador, paralítico em virtude de um ferimento. O Graal ainda não adquiriu toda a simbologia cristã, mas já o encontramos associado à lança que sangra, da qual sabemos um dos significados nas *continuações* da narrativa de Chrétien: ela era a lança de Longino que feriu o flanco de Jesus.

Além do sentido de cura, o Graal, para Chrétien, também representa alimento, já que o pai do rei Pescador ingeria seu conteúdo, uma hóstia. “Essa hóstia é tão santa que sustenta e conforta a sua vida, e ele próprio é tão santo que nada o faz viver exceto essa hóstia no Santo Graal”²⁸, explica depois a Perceval uma prima sua.

Em fins do século XII, Robert de Boron escreveu uma trilogia (*Le Roman de L’Estoire dou Graal*, *Le Livre de Merlin* e *Didot-Perceval*), hoje perdida e da qual restam alguns fragmentos, os quais deram origem ao ciclo da *Vulgata* da Matéria da Bretanha (c. 125-1230), conjunto de textos anônimos que passou por reelaboração e circulou em Portugal a partir de 1250. Na trilogia de Boron, Persival é ainda o cavaleiro eleito para encontrar o Santo Graal. Porém com a prosificação da narrativa e a criação do personagem Galahad (Galaaz), Persival fica em segundo plano.

Na *Demanda*, embora seja um dos eleitos, Persival é tentado uma vez pelo diabo travestido de bela donzela, com quem se encanta, e só não cede aos desejos carnavais por interferência divina. O jovem desmaia com uma voz que vem do céu e, quando acorda, “**viu a donzela rir, e, quando a viu rir, maravilhou-se e logo entendeu que era o demo que lhe aparecera em semelhança de donzela polo enganar e o meter em pecado mortal**”²⁹ (grifos nossos).

Em outro episódio, mostrando a pureza do jovem e sua relação pregressa com o Graal, um ermitão lhe pede que o abençoe. Os ermitãos eram considerados possuidores de uma religiosidade superior. O

²⁶ DSG, I, p. 151.

²⁷ Chrétien de Troyes, *Perceval ou o Romance do Graal*, trad. De Rosemary Abílio, São Paulo, Martins Fontes, 1992.

²⁸ *Idem*, p. 111.

²⁹ DSG, 1995, p. 202.

eremita conta Persival ter descoberto, através de uma visão, que seu irmão, que também havia sido religioso, estava sofrendo penas terríveis no Purgatório, onde permaneceria em agonia por mais três anos. Revoltado e tentado pelo diabo, este asceta pensou em se matar, mas desistiu com a chegada do cavaleiro, que a pedido dele, o abençoou³⁰. Esse episódio ressalta o valor moral de Persival, apesar da sua pequena mácula em virtude do episódio da donzela-diabo, o que o torna o segundo eleito na hierarquia da busca do Santo Vaso. Tal como aquele, também iria morrer após as profundas revelações do Graal, em Sarras, no Oriente. Dos três eleitos, somente o casto Boorz retornará ao reino de Logres para tornar-se ermitão.

A superioridade de Galaaz em relação a seus dois companheiros deve-se a não demonstrar desejo sexual. Apesar de possuir a mácula da bastardia, ele não peca e está próximo da figura dos santos. No episódio do castelo de Brutus, ele toma atitude superior à dos companheiros, sendo fiel ao seu propósito na demanda: só abriria mão da castidade para evitar alguma morte, o mesmo não acontecendo com Persival e Boorz.

Quanto a Boorz, embora tenha uma conduta irrepreensível, rezando e jejuando durante o caminho da demanda, havia praticado o ato sexual uma única vez no passado, através de feitiço. Desta união nasceu um filho bastardo, Elaim o Branco, que também será um dos doze cavaleiros a ver outra vez o Santo Graal. Boorz passa toda a demanda se penitenciando do seu pecado.

Parece claro o respeito dos eleitos pela Igreja. Os três adotam posturas penitentes: rezam, jejuam e se confessam com os eremitas que encontram ao longo do caminho. Tanto Galaaz quanto Persival realizam ações curativas e Boorz se compromete a passar toda a demanda à base de pão e água. Observemos, no Quadro 1, as ações dos bons cavaleiros em consonância com a ideologia cavaleiresca pregada pelo cristianismo na Idade Média Central:

BONS CAVALEIROS	DEMANDA DO SANTO GRAAL
VIRTUOSOS	12 Eleitos a encontrar o Santo Graal
VIRTUDES: TEOLOGAIS → fé, esperança, caridade CARDEAIS → justiça, prudência, fortaleza e temperança	Cavaleiros Principais: GALAAZ PERSIVAL BOORZ
BONS CRISTÃOS	Obediência aos preceitos da Igreja
DEFENSORES DA FÉ CRISTÃ	Galaaz converte o muçulmano Palamades

Quadro 1. Cavaleiros virtuosos na *Demanda do Santo Graal*

Os bons cavaleiros, além das virtudes teologais e cardeais mencionadas por Llull no *Livro da Ordem de Cavalaria*, deveriam possuir outras, como a humildade e a simplicidade, ser fiéis aos preceitos indicados pelos *oratores* e exímios defensores da fé cristã. Por isso, somente o cavaleiro cristão terá a recompensa divina na *Demanda*.

O muçulmano Palamades, chamado na narrativa de “o bom cavaleiro pagão”, perseguia a “besta ladrador”, animal associado ao diabo que havia matado os seus onze irmãos, sem lograr matá-la. Ele vence vários outros cavaleiros na demanda, mas perde o combate com Galaaz, que o convida a converter-se ao

30 DSG, 1995, p. 150.

cristianismo. Como recompensa, Palamades tem imediatamente todas as suas feridas curadas e consegue matar a “besta ladrador”. É um dos doze cavaleiros a contemplar o Santo Graal.

3. CAVALEIROS PECADORES EM A *DEMANDA DO SANTO GRAAL*

O motivo principal do insucesso dos cavaleiros não-eleitos são seus pecados e, em especial, o da luxúria, conforme mencionamos antes. Porém, mesmo entre eles há diferenciações. Um primeiro grupo pode ser representado por Lancelot e Tristão que, embora excelentes cavaleiros, corajosos, fortes, educados, entre outros atributos, são pecadores, por sua submissão ao amor cortês. Ambos desrespeitam seu senhor (rei Artur / rei Mars) em virtude do amor que sentem por Guinevere / Isolda.

Episódio emblemático é o sonho de Lancelot consigo e com Genevra no Inferno, onde vê também os adúlteros Tristão e Isolda. Quando acorda, para mostrar a realidade deste sonho, aparece-lhe uma queimadura na perna, curada por Persival. Apesar de tentar afastar-se do amor a Genevra, Lancelot continua a ser-lhe fiel. Por esse motivo não é um dos doze eleitos a rever o Santo Graal.

Existem na *Demanda*, ainda, os que representam a antítese do bom cavaleiro conforme descrito por Llull. Não respeitam os códigos da cavalaria: mentem, atacam donzelas, matam à traição. Incidem nos pecados da ira, inveja, orgulho e luxúria.

Observemos, a seguir, o Quadro 2, sobre os pecadores que estão associados a vícios:

CAVALEIROS	VÍCIOS
LANCELOT TRISTÃO	LUXÚRIA
GALVÃO MORDERET AGRAVAIM	LUXÚRIA INVEJA ORGULHO MENTIRA
EREC	ORGULHO
LEONEL	IRA

Quadro 2. Principais vícios dos cavaleiros na *Demanda do Santo Graal*

Este grupo de maus cavaleiros, no qual se inserem Galvão e Morderet, realiza a luxúria com maldade, atacando donzelas e matando seus pais e irmãos. São eles os representantes dos cavaleiros criticados por Llull e que deveriam ser perseguidos, segundo o filósofo, pelos bons cavaleiros. É importante destacar que muitas vezes eram nobres secundogênitos e sem terras, vistos como verdadeira ameaça à ordem feudal.

Um exemplo de cavaleiro que parecia bom, mas que perde a salvação em virtude do orgulho é Erec. É levado a cometer crime contra a irmã, o que ocorre porque promete “um dom” a uma donzela má, isto é, faria tudo o que ela pedisse, sem saber do que se tratava. Por este motivo pratica o sorocídio, preso ao ideal cortês de nunca poder descumprir a palavra dada. Mais tarde, sabe-se que ele não era mais virgem, ao cair numa fonte onde todos os não castos ficam paralisados. Supõe-se que, por haver incorrido antes no pecado da luxúria, Erec também sucumbiu ao orgulho, pelo desejo de manter intacta sua honra – neste caso e paradoxalmente, cumprir a palavra dada a qualquer custo.

Galvam é o cavaleiro pecador por excelência na *Demanda*. Michel Pastoreau salienta que nos romances do século XII Galvão (Gauvain) era apresentado de forma positiva, como um exemplo de bom cavaleiro, fiel e galante³¹. Já nas narrativas posteriores, escritas no século XIII e com forte influência clerical, ele é exemplo de mau cavaleiro, contrário aos modelos cortês e cristão. Não segue as normas da cavalaria e torna-se um verdadeiro antagonista. Embora seja o primeiro a convidar os demais combatentes para a demanda, vários presságios confirmam que ele traria desgraças.

Uma donzela feia aparece na corte e prevê que o cavaleiro que segurasse a espada que ela trazia tornando-a rubra de sangue mataria muitos companheiros na *Demanda*. A profecia cumpre-se, pois Galvão eliminará dezoito membros da Távola Redonda. Mongelli salienta que ele é o “bode expiatório”, representante de todos os pecados dos cavaleiros³², e a narrativa chama-o de o “cavaleiro do diáboo”³³.

Na *Demanda* ele é mentiroso, ataca mulheres e mata cavaleiros mesmo desarmados e feridos ou sabendo que alguns são seus companheiros da Távola Redonda. Erec afirma, antes de morrer, que ele desrespeitava o código da cavalaria:

– Ai dom Galvão, que é isto que dizeis? **Lembrai-vos do juramento e da homenagem da mesa redonda [...]** certamente se me matares sereis perjuro e desleal e jamais tereis por isso honra [...] porque estou ferido em tantos lugares que tanta força tenho como um cavaleiro morto.³⁴ (grifo nosso)

Mesmo assim, Galvão não desiste de seu intuito e elimina o companheiro de armas. Em determinado episódio, mente a Persival afirmando que não havia assassinado seus parentes, quando na verdade matara seu pai e irmãos, num ato de covardia. Portanto, suas ações apontam o tipo de cavaleiro criticado por Llull. O próprio Galvão reconhece não ser digno de ver o Santo Graal ao se referir a um outro cavaleiro, Elaim, o filho bastardo de Boorz:

– Ai Deus! Disse Galvam; como fresas maravilhas aqui há! Verdadeiramente sam demonstradas de Nosso Senhor e sam altas maravilhas do Santo Graal e sam as grandes puridades da Santa Igreja. Certas, disse Galvam a Estor, per esto que Deus mostrou a Elaim devemos nós a entender que jazemos em **pecado mortal e que nom nos ama Deus como a ele e que mais deve seer cavaleiro do Santo Graal que nós.**³⁵ (grifo nosso)

Agravaim, juntamente com Galvão, atacam Palamades à traição quando este está ferido e o matam³⁶. Quanto a Morderete, é o responsável pela morte do próprio pai, o rei Artur. São exemplos de cavaleiros cobiçosos.

Outro defeito deles é a ira. Neste caso, podemos citar o irmão de Boorz, Leonel. Boorz passa por uma situação em que precisaria salvar seu irmão, prestes a ser morto por adversários em maior número, e uma donzela prestes a ser violentada. Ele reza para que Deus auxilie Leonel e opta por socorrer a donzela. Deus atende o pedido de Boorz e, apesar de salvo, Leonel tem ódio do irmão e deseja matá-lo, ainda que vários religiosos tentem dissuadi-lo. Firme em seu intento, Leonel mata o cavaleiro Calogrenante e um ermitão, os quais tentavam proteger Boorz, conforme pode ser visto em imagem:

31 Michel Pastoreau, *No Tempo dos Cavaleiros da Távola Redonda*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 48.

32 Lênia Márcia Mongelli, *Por quem Peregrinam os Cavaleiros de Artur*, São Paulo, Íbis, 1995, p. 130-140.

33 DSG, I, p. 195.

34 *DEMANDA do Santo Graal*, texto aos cuidados de Heitor Megale, São Paulo, T. A. Queiroz, 1988, p. 267.

35 DSG, 1995, p. 118.

36 DSG, 1995, p. 441.



Figura 1. *Boholt e Lionel*. BNF Richelieu Manuscripts Français 111 *Lancelot du Lac, Quête du saint Graal, Mort le roi Artu*, France, Poitiers, XV^e siècle

Observe-se a violência de Leonel, que fere e mata Calogrenante. Em primeiro plano, a imagem decapitada do eremita, com roupas religiosas. A morte de um clérigo era pecado gravíssimo segundo o código da cavalaria, e já desde o século X, com a Paz de Deus, a Igreja Católica proibia a morte de religiosos por cavaleiros. Atrás está a figura de Boorz, também de espada em punho, disposto a lutar contra o irmão após estas ações, sendo impedido por Deus, que envia o fogo para separá-los, em meio a uma voz vinda do céu. O episódio reforça o fato de Leonel ser um mau cavaleiro, tomado pela ira e desmerecedor de encontrar o Santo Graal.

4. CONCLUSÃO

O modelo de cavaleiro cristão, representado por Galaaz na *Demanda* e em consonância com o modelo pedagógico proposto em *O Livro da Ordem de Cavalaria*, pode ser visto como medida de controle de agressividade da nobreza, afirmação de seus privilégios enquanto grupo social e reordenamento da ordem feudal.

Galaaz, virgem, puro, próximo de Cristo e do ideal das Ordens Militares, como os Templários, era um modelo inacessível, mas buscar copiá-lo contribuía para abrandar os costumes dos cavaleiros e, em especial, dos nobres secundogênitos na Europa Ocidental.

Como obra cristianizada que era, a *Demanda* visava a enfatizar o respeito dos cavaleiros pela Igreja e a colocar a sua violência direcionada contra os não-cristãos, o que é representado, na narrativa, pela conversão ao cristianismo do cavaleiro Palamades.

Ao contrário de outras personagens, Galaaz não apresenta ambiguidades, sempre se conduz por uma postura reta, sem dúvidas e incertezas. Além de ser o eleito, suas ações penitenciais e seu comportamento visam a confirmar o que todos já sabiam: sua ligação com o mundo espiritual, que o leva a ascender juntamente com o Graal ao Paraíso, no epílogo.

Já outros personagens apresentam dúvidas e hesitações. Persival, também dos eleitos, quase pratica a falha sexual com a donzela-diabo, sendo “salvo” por Deus do pecado. Boorz, o terceiro dos escolhidos,

por pouco comete o fratricídio depois que seu irmão Leonel mata injustamente dois inocentes. Mas, no caso dos eleitos, Deus os protege e os conduz ao verdadeiro caminho.

Um dos cavaleiros mais atormentado entre o desejo de seguir os preceitos da Igreja e a fidelidade ao amor cortês é Lancelot. Apresentado como melhor cavaleiro do mundo por Chrétien de Troyes, aqui é visto como pecador. Sua fidelidade ao lado mais humano do amor carnal impede-o de reencontrar o Santo Vaso e provavelmente, de obter a salvação da alma.

Galvam, que em outras narrativas cortesias era modelo de bom cavaleiro, na *Demanda* é o cavaleiro do diabo, matador de vários companheiros da Távola Redonda. Ainda mais negativo é Morderet, que comete o pior dos crimes: parricídio contra o rei Artur.

Lembre-se Leonel, irmão de Boorz, que aparece inicialmente como bom cavaleiro, mas é levado pelo pecado da ira injustificada contra o irmão, matando dois inocentes; e também Erec, que por orgulho acaba por assassinar a irmã.

O exemplo desses “maus cavaleiros” mostra que eles são o reflexo da nobreza turbulenta na sociedade medieval, visada pelos poderes constituídos. Por isso Galaaz é modelo ideal de conduta: com ele se dominam os vícios e os maus instintos da nobreza, representados por Leonel, Galvam, Morderete e Lancelot.

Ainda que este paradigma do cavaleiro perfeito, descrito n' *O Livro da Ordem da Cavalaria* de Ramon Llull e representado por Galaaz n' *A Demanda do Santo Graal*, seja difícil de ser aplicado, teve vida longa, especialmente em Portugal, com os exemplos de Nuno Álvares, que ao final da vida fundou o Mosteiro do Carmo, ali permanecendo até a morte, e D. Sebastião, que buscou levar a conversão aos muçulmanos no Marrocos.

RESUMO: *A Demanda do Santo Graal* é uma novela de cavalaria do século XIII, redigida em momento de cristianização e prosificação da Matéria da Bretanha. O eixo central da narrativa é a busca do Santo Vaso pelo cavaleiro puro e sem pecados, Galaaz. Muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos, pois dos 150 cavaleiros da Távola Redonda, somente os três eleitos principais (Galaaz, Persival e Boorz) e mais nove, numa alusão aos doze apóstolos de Cristo, conseguem entrar na câmara onde estava o objeto sagrado. A falta central é relacionada à sexualidade e percebemos na narrativa uma luta entre as virtudes dos eleitos e os vícios dos não eleitos, associados aos sete pecados capitais, dentre os quais o principal é a luxúria. A narrativa propõe um modelo educativo de cavaleiro, voltado à defesa do Cristianismo e ao controle da agressividade da nobreza, visando a garantir a ordem social.

Palavras-chave: cavaleiro – virtudes – vícios – *Demanda do Santo Graal* – ordem social

ABSTRACT: *The Quest for the Holy Grail* is a novel of chivalry of the 13th century, written in a time of christianization and prosification of the Matter of Britain. The main goal of the narrative is the Holy Grail search by the pure and sinless knight, Galahad. Many are the called, but few are the chosen ones, because even though there were 150 Knights of the Round Table, only three were the main elected ones (Galahad, Percival and Boors) and other nine, in allusion to the twelve apostles of Christ. The central failure is related to sexuality and we can realize in the narrative a struggle between the virtues of the elected and the vices of the non-elected ones, associated to the seven deadly sins, among which the principal is lust. The narrative proposes an educative chivalric model dealing with the defense of Christianity and the control of the aggressiveness of the nobility, in order to ensure social order.

Key-words: knight – virtues – vices – *The Quest for the Holy Grail* – social order